

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 20, RUA IVINS

*Dirigir todas as ped. das assignaturas e annuaes
tanto em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Atalaya, LISBOA; e no Brazil, ao sr. José da
Mello, 38, rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Preço do numero á Paris: 1 franco.*

7.º ANNO. — VOLUME VII. — N.º 21

LISBOA 15 DE NOVEMBRO DE 1890

Garante em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

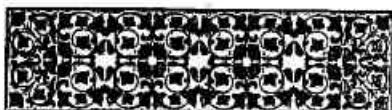
DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO.....	3.400 REIS
SEMESTRE.....	1.200 —
TRIMESTRE.....	600 —
AVULSO.....	100 —



O DOMINGO. — QUADRO DE ADRIEN MARIE.



CHRONICA

EM Lisboa, á proporção que as livrarias augmentam, vão rareando os livros. Parece isto um paradoxo, pois que em geral só se abrem livrarias quando a produção é grande e os leitores augmentam progressivamente. Mas as livrarias abrem-se para dar sahida aos livros estrangeiros, e não para vender livros portuguezes — pela simples razão de que os não ha.

E porque não ha livros escriptos em lingua portugueza nas livrarias de Lisboa? Porque não ha escriptores para os escrever, ou porque não ha publico para os comprar?... Os escriptores affirmam que não ha publico, e que não vale a pena escrever um volume para se venderem seis exemplares. E o publico affirma que não ha quem escreva, e o que para um apparece (com raras excepções) não vale a pena lê-lo...

Quem tem razão? Os escriptores duvidando do publico; ou o publico afastando-se e desiludindo-se dos escriptores?...
* *

Eu, pela minha parte, n'estas divergencias entre o escriptor e o publico — dou sempre razão ao publico.

O publico nunca deixou de comprar o que é bom. Deem-lhe um livro bem pensado e bem escripto, escripto com aquella sinceridade e encanto com que enche 300 paginas qualquer escriptor francez, — e o publico compra-o com o mesmo prazer e a mesma curiosidade com que compra um livro chegado de Paris.

Se não ha livros portuguezes nas livrarias, não é por falta de quem os compre — é por falta de quem os escreva.

A nossa mocidade litteraria está n'um periodo de esterilidade, ou de mandrice, verdadeiramente desolador.

Quando olhamos para a fecunda geração de Heroullano e de Garrett; quando olhamos para a geração a que pertencem Camillo, O. Martins, Ramalho, Queiroz, Bento Moreno; e quando olhamos para os d'hoje, para os escriptores da ultima hora, — ficamos assombrados de nada que tem produzido, das futilidades que tem tentado imprimir.

Dar-se-ha o caso de que já não haja entre nós quem tenha idéas, sentimento ou imaginação?

Se pomos de lado algum volume de versos — algum raro e delicado volume como o que escreveu Antonio Feijó — que resta a um portuguez para ler? Onde está o romance, o livro de contos, o volume de critica, de historia ou de philosophia que nos prenda a attenção, que nos ponha em contacto com um novo artista ou um novo pensador? Pois já não haverá assumpto em Portugal para escrever um livro?

Em que passa as horas a geração do meu tempo, toda essa mocidade portugueza dos vinte cinco aos trinta annos, que tem um cerebro para pensar, um coração para sentir e uma penna para escrever?

Realmente, que me sinto envergonhado

quando me lembro que faço parte de uma geração tão esteril. Quando olho para uma prateleira e vejo toda a obra da geração de Heroullano, de Camillo e de Eça de Queiroz, eu pergunto a mim mesmo atterrido, que bagagem temos nós que nos recomende, e prove que fomos dignos de termos vivido n'esta epocha em que ha tantas idéas em circulação, e tantos problemas sobre os quaes seria tão nobre meditar, procurando illucidá-los, senão resolvê-los.

É extraordinario o que hoje se lê em Lisboa... Ha um desejo enorme de receber emoções, de entrar em commercio com os melhores espiritos das letras, de os amar e os defender contra as criticas implacaveis.

As senhoras da nossa sociedade, quando reunidas, passam horas contando as impressões que lhe deixaram os livros de Bourget ou de Maupassant, os artigos de Lemaître ou de Fouquier; interessam-se pela vida d'esses escriptores, e fazem dos seus escriptos a preocupação das suas leituras quotidianas.

Porque razão, o lugar que occupam no espirito das senhoras portuguezas certos escriptores estrangeiros como Bourget ou Daudet, não é tambem em parte occupado pelos escriptores nacionaes?...
* *

Porque esses escriptores, ou de tal modo se estereisaram, ou de tal modo se desviaram da vida da sociedade portugueza, que os livros isolados que apparecem de mezes a mezes não apaixonam a sociedade, nem são de molde a proporcionar-lhe o mesmo grau de interesse e o mesmo numero de sensações litterarias que lhe despertou um livro de auctor francez.

Isto quer dizer que o auctor francez tenha mais talento ou mais imaginação que um auctor portuguez?... Decerto que não, pois que do seu tempo Heroullano é o equal de Thierry e Edgar Quinet; e do nosso tempo Queiroz é o equal de qualquer illustre romancista francez.

Ista raridade de livros e este como que divorcio entre o auctor portuguez e a sociedade portugueza, quanto a mim significam apenas ignorancia absoluta do auctor do que é a sociedade do seu tempo, não lhe conhecendo as idéas, nem os appetites, não lhe praticando nenhum esforço para lhe servir um livro com que a domine e com que a apaixone.

A primeira qualidade de todo o auctor francez como elemento de successo, é que o auctor francez é um perfeito official do seu officio.

Ha por ahí o erro de que só se pode ser romancista n'um paiz onde escrever um romance constitue uma fortuna e um modo de vida. Mas quantos romancistas ha em França para os quaes o romance não é um modo de vida e que andam bem longe da fortuna? E em todo o caso, d'alles apparece todos os annos um livro, que vale interessar e apaixonar o seu modesto grupo de leitores. Nem todos os auctores vendem 100.000 exemplares como Zola.

A primeira condição de successo para um romancista é ser artificie. O escriptor tem obrigação de produzir todos dias, de tantas a tantas horas, como qualquer operario d'entro d'uma fabrica, como qualquer homem de sciencia no seu gabinete ou no seu laboratorio.

Um homem publicar um volume, e ficar á porta da Havereta de braços cruzados, da-

rante cinco, dez annos, ou o resto da sua vida, eis o mal, eis o erro, eis a explicação da falta de leitores.

Um escriptor precisa de ter os seus clientes, os seus freguezes, como o pintor, o escultor, o medico, ou o advogado. Para causar interesse a uma sociedade, é preciso dar-lhe constantemente, em periodos certos, uma obra nova.

Peguem na obra de Zola, e verão a quantidade de volumes do começo da sua carreira que continuam ignorados. Mas á força de arremetter todos os annos com um volume, á força de apparecer invariavelmente todos os annos com mais um romance, a sociedade acabou por folhear os seus livros e finalmente por se apaixonar por todo quanto hoje o romancista produz.

E sabem os senhores em que idade o publico começou a lê-lo e a ter admiração pelo artista? Quando Zola já tinha passado os 40 annos!

Ora que succederia a Zola, se ao ter publicado o primeiro volume, deante d'um exito mais que mediocre, de venda e de critica, elle tivesse cruzado os braços, e deixando de produzir? Nunca o seu nome teria feito carreira, nunca o romancista teria manifestado aquella pujança de talento que só depois do *Assommoir* e *Germinal* é que realmente assombrou o mundo litterario.

Diz um velho dictado portuguez que «é preciso arremetter para vencer». Isto applicado ás letras quer dizer que «é preciso escrever para ser lido»; e que não é razão para deixar de escrever, o facto de se terem vendido apenas 100 exemplares do primeiro volume que se põe á venda.

O que devemos pensar, é que é muito triste ver nas livrarias de Lisboa unicamente livros estrangeiros, e não apparecer á venda um unico livro de auctor portuguez. E que os modernos escriptores tem obrigação de continuar pelos annos além esse baldo esforço litterario que partiu de Garrett e de Heroullano, tem obrigação de pensar e de produzir, em vez de passarem as horas na má lingua dos botequins, berrando contra a decadencia da sociedade.

Decadentes são somente os senhores, que nada tem no cerebro, pois que nada deitam cá para fóra. Menos palavras e mais obras. Menos má lingua e mais trabalho.

Alis serão uma ridicula e insignificante geração de sujeitinhos que liquidaram a conversação, sem mesmo d'esta geração ter sahido um dito.

Porque até os ditos, os senhores não fazem senão reeditar os dos velhos auctores que nos precederam.

Meus senhores! Toca a trabalhar! toca a produzir!...

MARINHO PIVA.



ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

Eu não te posso a ti dizer mais nada,
Senão essa palavra já sem força,
A' força de empregada...
Mas eu, tímida corça
E minha amada!
Pomba innocente,
Tão longe e tão presente!
Digo-te att... com quanto força mais,
Mais puro intuito
E mais razão!
Essa palavra... as syllabas são ais
Que me sabem a mim do coração...
Amo-te muito! muito!

João de Deus.

AOS NOSSOS LEITORES

O presente numero da **ILUSTRAÇÃO** é já feito em Lisboa... Tal era um dos melhoramentos que ha muito desejavamos realizar na nossa revista, e que hoje conseguimos por em pratica.

A **ILUSTRAÇÃO**, que nenhuma publicação do mesmo genero ainda foi capaz de exceder no que respeita á sua parte artistica, não podia muitas vezes competir com os seus concorrentes em assumptos de actualidade litteraria, critica e mundana. O seu texto peccava pela demora nos transportes maritimos, nas expedições em caminho de ferro, e nas passagens pelas alfandegas.

Foi esse problema que procurámos resolver: é essa difficuldade que hoje vencemos, —apresentando aos nossos leitores de Portugal uma **ILUSTRAÇÃO** feita em Lisboa, e que vai ser uma revista de familia, uma revista de actualidades, com todos os attractivos da ultima hora.

Estamos por enquanto no periodo da installação, e não podemos dar já hoje uma idéa dos melhoramentos que tencionamos realizar. Nos proximos numeros verá o Publico de que collaboradores nos vamos rodear, e que innovações havemos de introduzir na nossa **ILUSTRAÇÃO**, n'esta **ILUSTRAÇÃO** fundada ha sete annos, que tantos imitadores tem provocado, que tantas invejas tem suscitado, mas que continúa a sua brilhante carreira, graças ao favor sempre crescente do nosso Publico para com um jornal que apenas pensa em lhe dar bellas obras d'arte, e sinceras paginas de critica e de litteratura.

Para tudo quanto respeita a venda avulso e a assignatura, tanto em Portugal como no Brazil, continúa sendo nosso unico agente a **Companhia Nacional Editora**.

Para tudo quanto respeita a reclamações ou esclarecimentos de qualquer ordem, a assumptos relativos á direcção ou á redacção da nossa revista, as cartas devem ser dirigidas ao nosso director **Mariano Lima**, rua Ivens, 20, Lisboa, redacção do **NACIONAL**.



AS NOSSAS GRAVURAS

O DOMINGO

O nosso illustre collaborador Adrien Marie não é só um illustrador dos de maior fama de Paris: é tambem um pintor de genero de valido valor.

A *Illustração* ja em tempo reproduziu alguns dos seus quadros. Hoje offerece o *Domingo*, onde se mostra um pintor dedicado, um colorista quente, digno da nossa admiração.

Este quadro de uma bella composição e d'uma delicada factura, attrae a vista pela franqueza e naturalidade com que o assumpto foi tratado, graças á mão que é habil e firme.

Tudo é simples e gracioso n'esta pagina familiar intitulada *Domingo*. E o contraste estabelecido com tanta felicidade entre a graça cantada da criança e a rudeza do velho soldado, imprime a este grupo um sabor muito particular.

A AFRICA OCCIDENTAL

Tudo quanto se refere á Africa é hoje (infelizmente too tarde!) lido com avida por todas as camadas da sociedade... Se percebemos este anno, a partir de 1 de janeiro, que precisavamos estudar com o maior cuidado as questões africanas — aliás teriamos perdido as nossas colonias.

A redacção da *Illustração* não tem a pretensão de inaugurar nas suas paginas um curso sobre Africa! Sómente, o que deseja mostrar aos seus leitores são todos os documentos pictóricos que lhe venham ás mãos.

Hoje occupamo-nos da Costa do Ouro e do Dahomé, na Africa occidental, territorios que já foram nossos, e que hoje estão em poder da França.

Ultimamente a França teve necessidade de castigar as insolencias e as crueldades praticadas pelo rei de Dahomé, contra negociantes estabelecidos na costa e contra escravos.

Hoje um tratado foi officialmente concluido entre a França e o Dahomé, esta mysteriosa e quasi desconhecida região, só celebre pelas crueldades praticadas pelo rei, mandando em certo dia do anno, em signal de regoijo, degollar centenas de escravos.

A nossa pagina de gravuras, composta sobre documentos fornecidos graciosamente pela Sociedade de Geographia, de Paris — mostra-nos aspectos da região, tipos variados de indigenas, costumes e construcções.

Eis no seu throno (grav. n.º 1) abanando-se com uma venturosa de palmas, o rei de Abokuta, Ataké, rodeado dos seus escravos e das suas mulheres, á porta da palha real. Eis um grupo de raparigas (n.º 4) os troncos nus, na mais simples das *toilettes*. Um uso do quiz reservado um costume mais fechado, quando forem casadas... Eis o aspecto pittoresco (n.º 2) do rio Volta, um pouco acima do *Volaga*. E mais tipos indigenas, cuja photographia, reproduzida pela gravura, dá mais completa idéa do que é o Dahomé, que todas as narrativas escriptas.

MONUMENTO

A MEMORIA DE DELACROIX

Foi inaugurado em Paris, no lindo jardim do Luxembourg, no domingo 1 de outubro, deante d'um numero publico de artistas, homens de letras e membros da alta sociedade parisiense.

Presidiu a cerimonia o ministro da instrucção publica e bellas artes, tendo á seu lado o sr. Vacquerie, redactor do *Rappel*, presidente do comitê do monumento, e o sr. Le Royer presidente do Senado. O Instituto de França achava-se representado pelo maestro Ambroise Thomas, pela pintor Chaplain, pelo pintor Bonnat, pelos maestros Massenet e Rey, etc.

O monumento do grande pintor do romantismo, d'aquelle que em pintura é o equal de Victor Hugo poeta, é devido ao grande escultor Dalou, um artista nosso contemporaneo, da raça de Carpeaux, e cujas esculpturas lhe tem valido o cognome de «Rubens da pedra».

O monumento visto assim de frente, como a nossa gravura o representa, é d'uma grande linha, desafogada e majestosa. Todo o grupo tem força, elegancia e ar-rojo. É atrahido para cima do marmore com prodigiosa maestria.

Na base do monumento, Apollon sentado bate as palmas. A' sua direita o Tempo ergue nos braços a Fumaça, que envolve de louros o busto de Delacroix. É uma soberba allusão ás injustiças da critica, pois que Delacroix foi sempre em vida muito contestado, conhecendo só na velhice as alegrias do successo.

Esta obra de Dalou é mais uma gloria para o escultor, que de anno para anno nos assombra com as maravilhas do seu talento.

Dalou era um grande amigo de Gambetta, e é um amigo intimo de Rochefort, de quem ha dois annos fez um soberbo busto em bronze. Dalou andou ligado aos dramas da Comuna andando muito tempo exilado, e vivendo bastantes annos em Londres. Foi só depois da lei da amnistia (1881) que Dalou entrou em França, assim como Rochefort.

O PESCADOR DE CONCHAS

É um assumpto muito simples, mas tratado com grandes qualidades de observação, o que lhe reproduzimos da tela d'um artista da moderna escola hespanhola. Chama-se o pintor: Baizeros Verdaguer.

Como quadro, a luhia d'um porto, vindo-se no horizonte, sob um véu de nevoa matinal, as silhuetas muito vagas dos altos mastros. E no primeiro plano, muito em vigor sobre a pallidez dos longos, o velho marieiro debruçado a sua grossa figura sobre a doca das aguas.

Eis um assumpto d'uma composição pouco complicada, mas a sinceridade da execução assegura-lhe o successo, e o qualro, na nossa serie de gravuras artisticas, é digno do lugar que hoje lhe damos.

AS VINDIMAS EM HESPAHANHA

A vinificação era no tempo dos Romanos um pretexto para festas e prazeres que os poetas e os artistas celebraram largamente. Amarcante consagrou-lhe uma ode; Raphael d'ela se inspirou para uma composição admiravelmente gravada por Marco Antonio; Prud'hon, Wintchalter, Alma Tadema, encontraram alli assumpto para quadros celebres.

Não são as vindimas romanas as que hoje celebramos, mas sim as vindimas hespanholas, que é o mesmo que dizer vindimas portuguezas.

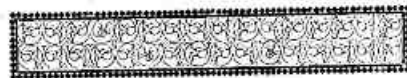
O nosso illustre collaborador Vierge desenha nos varias scenas das vindimas, mostrando-nos os campos hespanholos apinhando as uvas, e transportando-as para os lagares, onde depois as pisam nos dorso, com os pés, como se pratica em Portugal.

Estes desenhos são tratados com uma poderosa originalidade; e apesar da terrivel paralysis que lhe dea cabo do braço direito, Vierge, com a mão esquerda, ainda executa desenhos que são verdadeiras maravilhas de observação e de graça.

OS MEZES — NOVEMBRO

Novembro, mez de chuvas e mez de mortes. É o inverno que surge, com todas as tristezas da creação, com todos os soffrimentos e todas as luctas.

É este novembro das chuvas e dos finados que servio de assumpto para mais esta pagina do nosso collaborador Hubert Dye, que tem tratado os mezes no anno de 1880 com uma notavel e superior distincção.

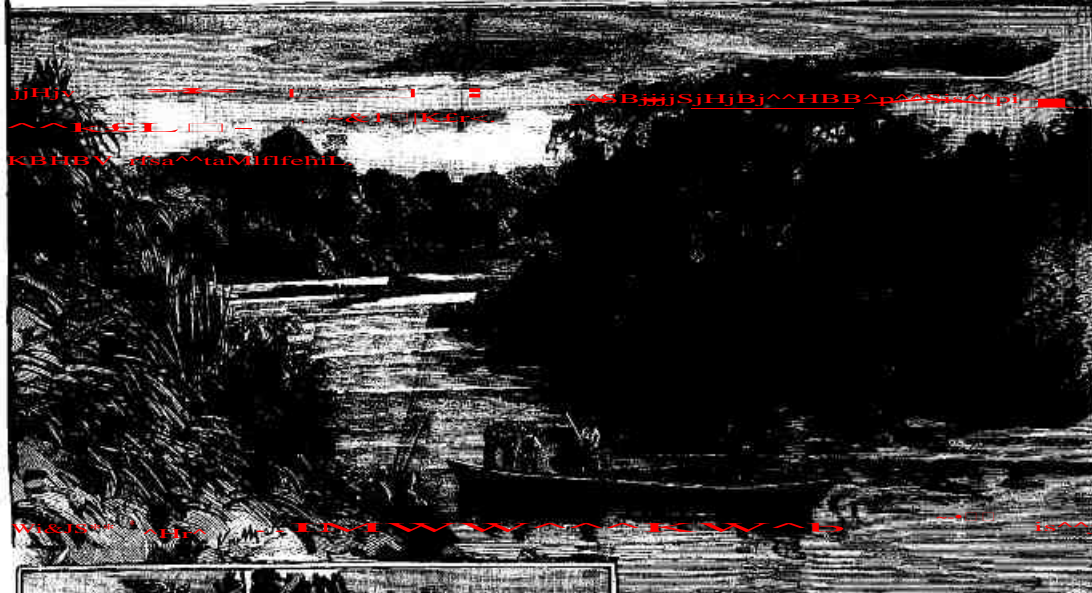


OS QUINHENTISTAS

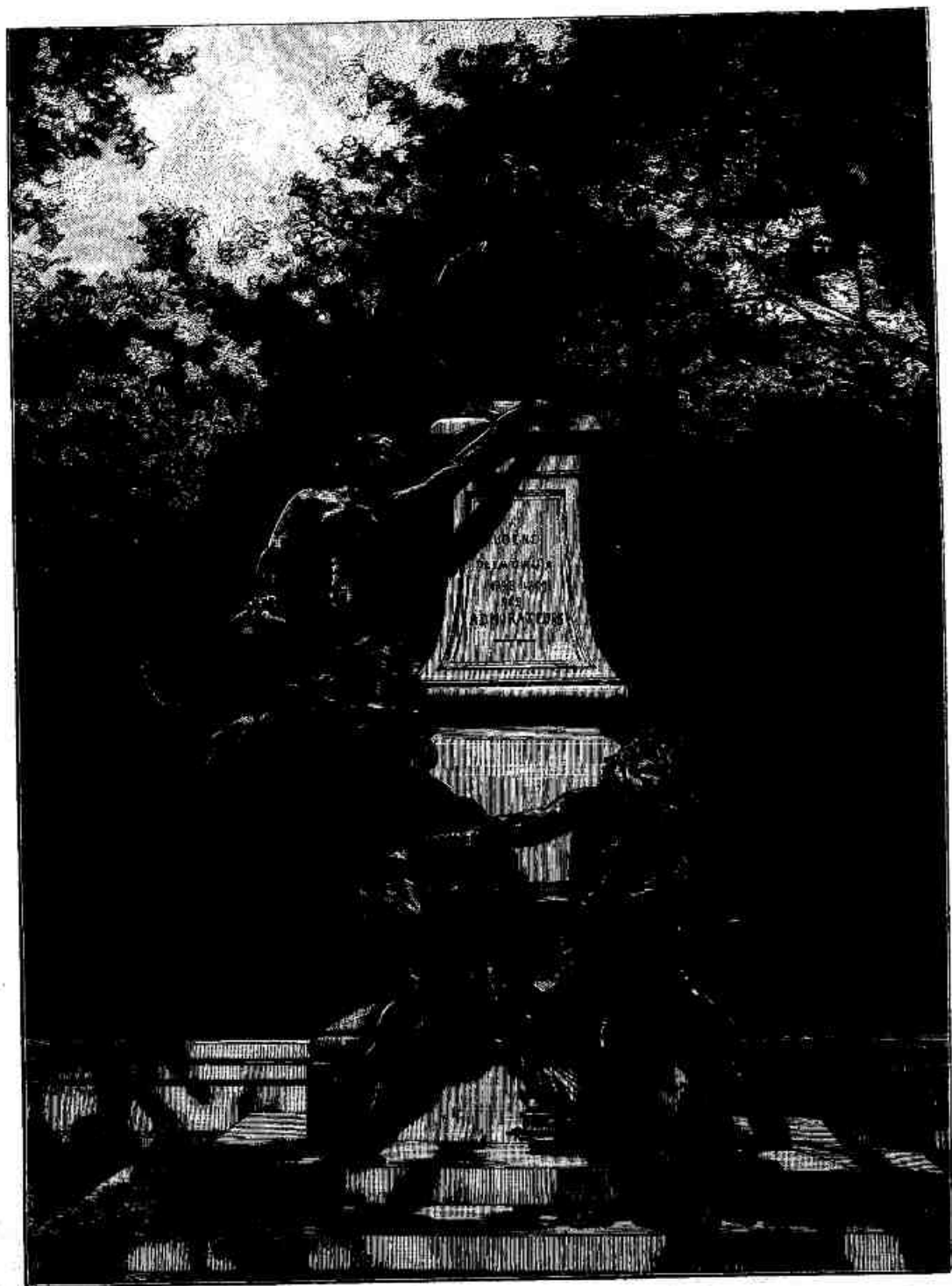
A NACIONALIDADE, que o Mestre de Aviz consolidara, estava robusta e válida. Assentava em bases solidas, cimentadas pelo patriotismo e amparadas pela fé.

Portugal occupava então brilhante e incontestavelmente o seu lugar entre as nações; remontava a sua origem a cerca de quatro seculos; era, portanto, já uma nação fidalga. Pouco extenso em seu territorio, não podendo ampliar-se na Peninsula onde elle fizera com que a Hespanha se encolhesse, tinha somente as vastissimas e ignotas planuras do Oceano para estender-se nos seus raptos audaciosos de descobrimentos. Construiu, pois, a pequena caravela, e lá foi óvante pelas aguas inóvias, sulcando as suas ondas espumantes, espalhando as sombras do mysterio e desvendando os mythos das lendas tenebrosas; lá foi singrar em novos mares e aproar a novos continentes, alliançando em nupcias a velha Europa ao Novo Mundo, por meio do anel esmeraldino do Oceano. E viram-se esses novos phenicios levar a toda a parte o nome portuguez, e em toda a região implantar o symbolo da fé.

Não ha povo cuja missão tenha sido mais civilisadora e a quem o mundo moderno mais graças deva, e por isso em a nossa decadencia ainda podemos envolver-nos no resplendor das nossas tradições. Levaram seculos de gestação essa gloria impercível, mas o fulgor foi intenso



AFRICA OCCIDENTAL. — A COSTA DO OURO E O DAHOME.



PARIS. — O NOVO MONUMENTO À MEMÓRIA DE EUGENIO DELACROIX.

e vivo. No grande movimento que no século XVI percorreu a Europa, foi Portugal uma das nações que n'elle mais sobresahiram. Surgiu o dia fulgentissimo da Renascença, de cuja aurora os rosados clarões primeiros já sete séculos antes haviam começado a colorir o horizonte; renasciam os primeiros classicos, uma seiva de intensa vida percorria o organismo das nações; a ode succedia á canção de gesta, o arco voluptuoso substitua a ogiva ideal, os altissimos pilares tão robustos como troncos em florestas densas davam lugar ás columnas de Corintha, esveltas e elegantes como as mulheres da Attica. Nas telas alargava-se a perspectiva e carregavam-se os tons; nas estatuetas rígidas da Idade-Media o cinzel, ante o classicismo, fazia sobresahir as feições e os contornos vagos.

Emporio de todo o commercio para as regiões que desvendára, Portugal tinha pois elementos de progresso e de esplendor, e d'ahi muita influencia havia de exercer a prosperidade da nação no desenvolvimento dos espiritos. E realmente assim foi; com o século do nosso esplendor politico coincide o nosso século litterario verdadeiramente classico. Houve então uma pleiade gloriosa de espiritos, uma cohorte magestaica de talentos.

Cada epocha tem o seu caracteristico e cada monumento coevo o cunho da epocha que o inspirou. O monumento da Batalha é um symbolo da phase politica da nação em o tempo em que um povo autonomo erguia um throno robusto em que se apoiasse a sua independencia. A sua feição é a de todos os templos sublimes que na Europa a maçonaria de então espalhava, — marmoreas flores plantadas em um terreno cuja gleba fora revolvida por séculos successivos de barbarie. Aquellas columnas altissimas, que se alinham, aquellas abobadas que terminam em fecho, aquelles capiteis onde ha folhas de roble e de lodão, aquellas ventanellas em ogiva, tristes e mysticas, com suas vidracas coloridas, parecendo grandes olhos erguidos em arroubamentos para o céu, tudo indica a Idade-Media em pleno esplendor da sua feição — o mysticismo.

Em Belem perpassa já um sopro do Oriente, n'aquellas linhas ha a influencia classica, os fustes das columnas são hastes de palmeiras elevadissimas, as nervuras das abobadas liames de ramos de arvores em florestas indicas, que se entrelaçam e se anastomam, a ogiva vae a dirigir o seu vertice para o céu, mas curva-se, olha a terra, e cedo se resolve na volta de um arco esvelto.

E do mesmo modo os monumentos litterarios apresentam o cunho da sua epocha respectiva; as chronicas de Fernão Lopes têm a severidade de uma fortaleza, o poema de Camões o aspecto classico de um edificio da Renascença. N'aquelle a linguagem rude e archaica é como o granito, no segundo a phrase é culta e moderna, parece marmore. Camões da traça regular á sua obra épica, n'ella desdobra quadros, n'ella desenrola perspectivas; erudito, nada escapa á sua indicação, poeta em parte alguma empalidece a sua phantasia; historiador, patenteia mil factos, patriota tece mil louvores á terra de seus maiores. Bernardim Ribeiro é um provençal na corte de um monarcha felicissimo do século XVI, as suas ruínas soariam bem acompanhando os accordes de um arrabal, a soluçar queixoso pelos pateos de uma senhorial mansão, — tem ellas a vibração limpida do crystal e a sinceridade bella da musa das tradições do povo. Sá de Miranda e Antonio Ferreira são classicos puros, pedem á Italia o hendecasyllabo e nacionalismo o soneto, a forma correcta e musical em que Petrarca soluçou de amor e os tercetos tão regulares em que o Dante traduziu as suas tetricas visões apocalypticas. Gil Vicente, que fazia os autos d'El-Rey, o secularizador do theatro, consubstancia em si a sincera e

justa alma popular, tão vivo na sua imaginação, tão original nas suas rimas, tão mordaz em sua critica. E estes foram os coryphæos; mas a par quantos nomes illustres! Garcia de Resende, o ultimo dos trovadores, Barros, o historiador emerito, Arraes e Heitor Pinto, os moralistas, e Ruy de Pina e Goes e Falcão e Corte-Real e o bispo Osorio e outros!

A linguagem é então rica de locuções vernaculas, as imagens são proprias, as figuras tem colorido, os sentimentos vigor e as phrases proporções. Depois vem o *culismo* estender por sobre essa carreira de marmores purissimos um terreno fragil onde muito embora floresce uma vegetação luxuriante; mais tarde o século XVII, pretencioso e frívolo, dá feições geometricas a essa vegetação, corta, arredonda, faz canteiros, labyrinthos, muros de folhagem, é então a linguagem um acervo de archaismos, de gongorismos, de barbarismos, insipidos, complicados, obtusos.

Chega o romantismo e tudo revoluciona; quebra-se a turgida corrente da influencia do Renascimento, e reatam-se as tradições da Idade-Media; e então aquelle terreno fragilissimo, que recobria os marmores preciosos, esboroou-se e tombou, bem como das cabeças de nossos avós cahiram as fartas cabelleiras polvilhadas. Então Garrett desvenda um filio precioso que sulca as camadas marmoreas e transmite-nos as tradições da musa medievae. E logo após dois athletas lançam mão á obra de desagregar e polir os materiaes da mole de marmore brilhante, isto é, fazer renascer a vernaculidade dos quinhentistas.

Um tem o aspecto grave e duro, parece um vulto da Idade-Media, estoico como um guerreiro de Sparta e paciente no labor como um benedictino, faz vibrar a linguagem como bronze, e as suas armas para os contrarios são possantes e leaes como as de um paladino; o outro, defendendo-se da Critica, parece um esgrimista do século XVII, um personagem de Lope de Vega; tenaz, vae desagregando da mole os mais puros e lucilantes pedaços de marmore e, nervosamente, faz gargarhar em torno aos adversarios, fustigando-os, o seu inflexivel sarcasmo sibilante. O primeiro foi Herculano, o segundo Camillo.

Ambos eram os tradicionalistas, os successores dos espiritos luminosos de século aureo litterario da nação; ambos athletas do espirito resuscitaram o vernaculismo da phrase, a belleza justa do colorido e a originalidade verdadeiramente nacional. Embora pertencendo ao século XIX, ambos foram, portanto, os ultimos quinhentistas.

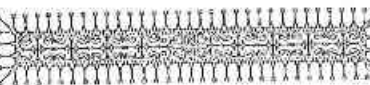
Porto — 1890.

ALFREDO ALVES.

ANTONIO ELISIO.

BABO REAL / VIOLET / BABO
DE THRIDAGE / 10, Boulevard des Halles, Paris / VELOUTINE

Recommandés par les autorités locales pour la Hygiène de la Peau et l'Hygiène de la Chevelure.



CANCIONEIRO CHINEZ

LUAR NAS AGUAS

Vem das aguas surgindo a lua-cheia
o mar parece um disco de metal.
Varios amigos, no batel que ondeia,
vão exgottando as taças de crystal.

Alguns, fitando as nuvens luminosas,
sobre os montes, á lua, baloiçados,
dizem que são as languidas Esposas
do Imperador, que passam desmaiadas,

nos seus amplos, riquissimos vestidos
enopados em ondas de luar...
outros porém nillirami, convencidos,
que são bandos de cysnes a voar...

OLHANDO A LUA

Oigo cantar no meu jardim florido
uma mulher ditosa...
e sem querer, no azul indefinido
fito a Lua radiosa.

Nunca pensei no acaso de encontrar
essa mulher suave,
que no jardim vizinho oigo cantar
como um gorgeio d'ave.

E fico a olhar na abobada infinita
a Lua vagabunda,
pensando que o luar também me fita
n'um raio que m'inunda.

Fecho os olhos se passam bruscamente
os morecos voando;
mas está sobre mim continuamente
a Lua dardejando.

Dos Poetas nos olhos rutilantes
espelha-se o luar,
como na escama dos dragões brilhantes
— esses Poetas do mar.

A SOMBRA DA LARANJEIRA

A donzella que vive desde a infancia
a trabalhar na alcova recatada,
se uma planta de jade ouve a distancia
fica toda a tremer, sobresaltada.

E' que n'aquella musica suave
pensa logo escutar, doce e distante,
a voz serena, como um trillo d'ave,
d'alguem que deve ser moço e galante.

E se através da preciosa esteira
que na janella impede o sol d'entrar
vem a sombra da espessa laranjeira
no seu regaço virginal brincar,

— toda corada como um fructo ardente,
na delicia do sonho em que se enreda,
pensa que alguém, voluptuosamente,
lhe despedaça a tunica de seda...

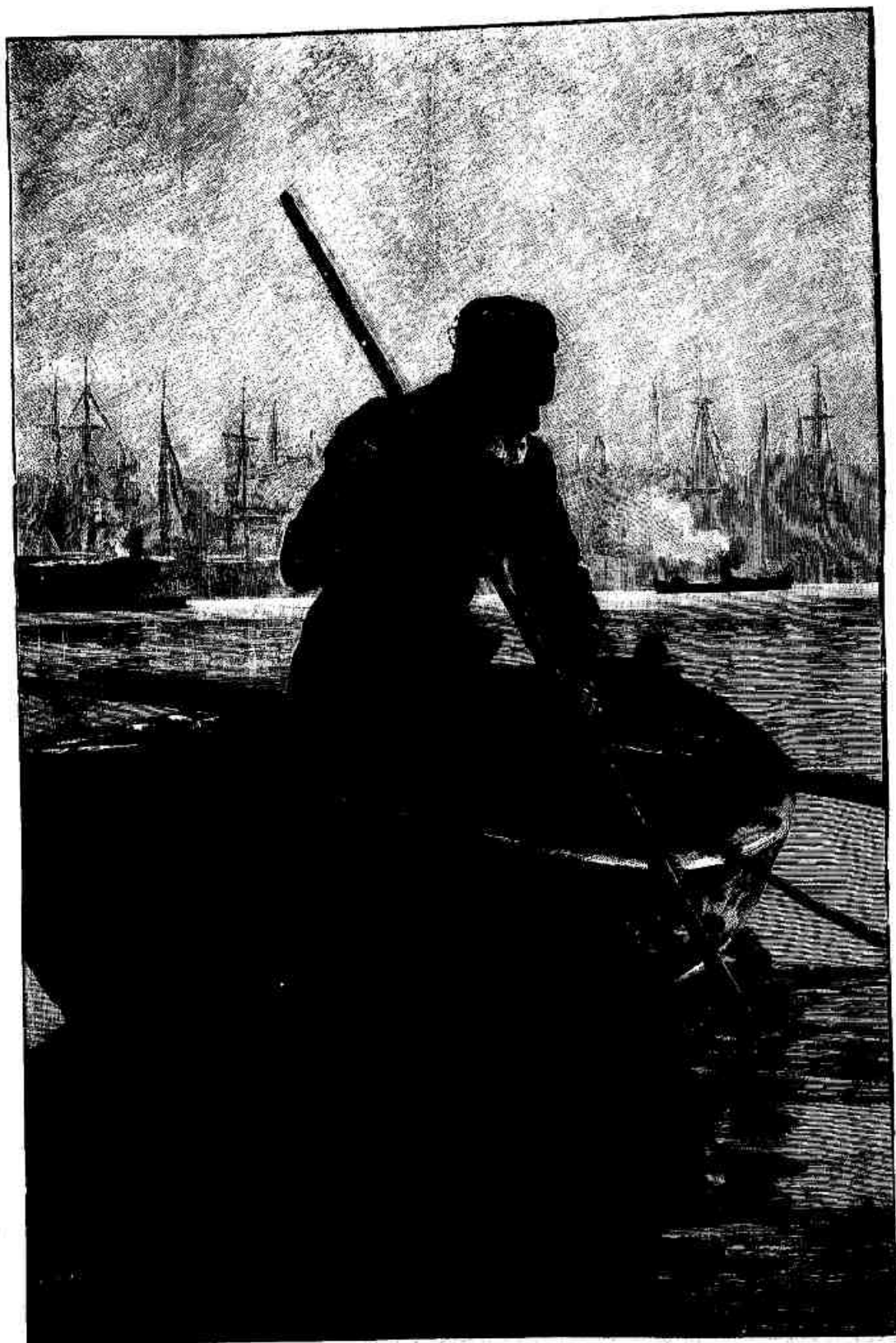
OS PEQUENOS ROUBOS

SEJAMOS indulgentes para com aquelles
que succumbem á miseria ou á tentação.
Onde está o justo que não foi, pelo menos
uma vez, um pouquinho larapio?

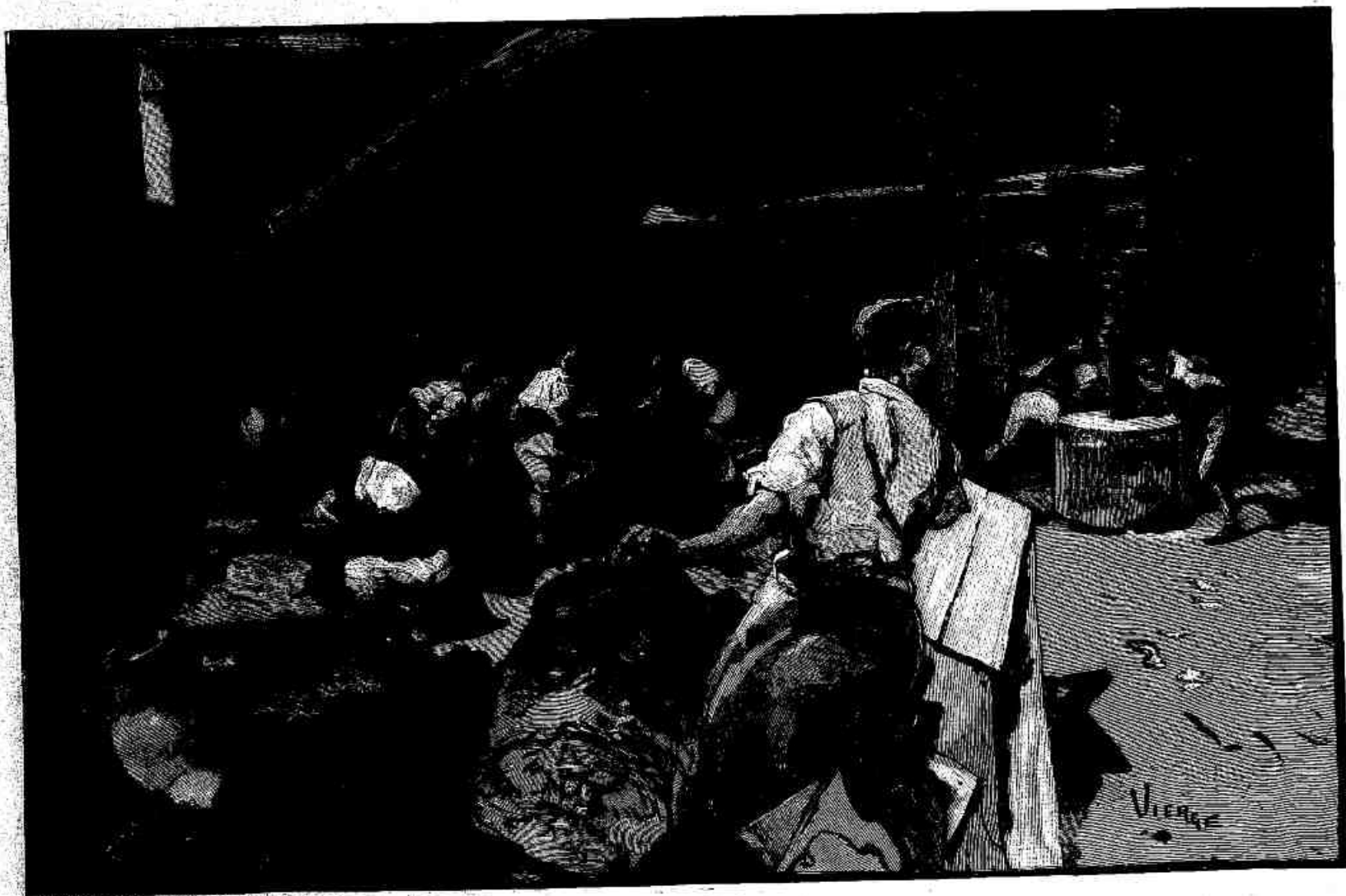
E vão saber como se consegue tal:

A caixa não pagava senão no dia seguinte!
— Eu procurava pois no fundo da minha bolsa
os meios de passar as vinte e quatro horas
que me separavam do bemaventurado pagamento.
— Estava salvo! porque um convite
para jantar fora me garantia essa refeição e
restavam-me ainda cinco francos para almoçar.

N'esse dia justamente estava com immensa fome, e ia sair para o Brebant com a firme intenção de devorar os meus cem soldos até ao ultimo centimo, quando bateram á minha porta.



BELLAS-ARTES. — O PESCADOR.



AS VINDIMAS EM HESPAÑA.

Era um collega meu que, tendo julgado que o com a esperança de ver o meu conviva impa-
mez tinha só trinta dias, vinha com a bolsa ciente-se e pegar no chapéu, porque já des-
vazia, fazer-me um chamamento de fundos, parecera como um simples pastilha o seu
Dividimos fraternalmente a minha fortuna, e bife.

Assim desfalcao em cincoenta soldos, o A fatalidade fez com que, sem lhe terem pe-
meu dinheiro não me permitia que fosse acoitado nada, a creada... um zeloso desastru-
Brebant, dirigi-me então melancolicamente para da! uma estúpida! viesse collocar na meza
um *«Bouillon humé»* valto um

Já estava á porta, quando me senti abraça graça, quiz primeiro resistir, mas tinha muita
do de repente por dois braços, ao mesmo tempo fome, como lhes disse; e de mais a mais, a
que uma voz alegre exclamava: «Minha bolsa aconselhava-me em voz baixa:

— Ah! ora aqui está um feliz encontro! 45 e 3 de Brie, 48; podes comer um bocadinho.

E reconheci um bom e amavel dinamarque. E depois o dinamarque parecia tão occupado
com quem travara conhecimento em Cope com a narração da sua viagem! Impellido por
nhague, onde elle me tratara muito bem, me todas estas tentações, puxei o prato para mim
festejara, me hospedara, etc., enfim uma ge muito devagarinho, olhando sempre fto para
necosa hospitalidade que eu promettera pagar o meu homem, para não desviar os seus raios
lhe em Paris, quando elle cá viesse. E visuaes para o prato.

Chegara á occasião... é verdade, mas eu! Ora! não me lembrava do aroma do queijo
só tinha cincoenta soldos!!! que subiu ás narianas do meu terrível conviva.

la lhe dizer que me dirigia para uma audien-
cia urgente do ministro, mas elle surprehende-
ra-me infelizmente com a mão no botão da
porta do estabelecimento Duval:

— Entrar? disse-me elle.

Comprehendi o calafrio de receio e a hy-
pocrisia do sorriso com que replicou: «Serei tão feliz que se dê o caso do meu
amigo ainda não ter almogado?» Mais rapido do que o relampago, corto o
quinhão para elle se servir.

— Infelizmente levantei-me agora mesmo da
meza... Almoei... e particamente. O miseravel tinha bom coração!!!

Ao ouvir esta resposta, dilatou-se-me o co-
ração:

— Entrei comtigo, accrescentou elle, con-
versacemos emquanto almoei.

Choeio de confiança, entrei com elle na sala.

Fallou-me de Copenhague tão largamente
que o meu bife teve tempo de se fazer e de
me ser servido pela creada.

Curvava-me já para o contar, quando de re-
pente:

— Oh! oh! disse o diabo do homem, este
bife está mesmo de appetite!

Senti um calafrio percorrer-me as costas!

— Oh! caro leitor, affirmo-t'o, não precisei le-
vantar a cabeça para ler a sofreguidão nos
olhos do dinamarque; ao som da sua voz,
adivinhei immediatamente que elle ia comple-
tar a sua phrase com:

— Estou capaz de comer um!!!

— E' um pouco pesado depois do almogo,
objectei-lhe eu.

— Ora! faço melhor digestão que o abes-
truz.

— E está um pouco duro.

— Eu mastigo ferro, accrescentou elle com
um sorriso que mostrava dentes tão grandes,
tão soldos, e sobre tudo tão profundamente
enraizados, que era caso para acreditar que
elle se podia sentar nas extremidade das raí-
zes.

Emquanto elle dava as suas ordens á crea-
da, fazia eu mentalmente o seguinte calculo
rapido: dois bifes, 24... e 8 de vinho, 32...
e 6 de pão, 36!!!

De 36 á 50, sobejavam-me ainda 12 soldos.

Assim quando elle se voltou, viu-me riso-
nho, e, com a garrafa na mão, inclinando o
gargalo para o seu copo para elle fazer provar
o meu vinho.

— Não, disse-me elle, nunca bebo vinho ao
almogo.

Tive um momento de louca esperança de
que elle preferisse agua.

— Gosto mais de cerveja, declarou o dina-
marque.

Pediu uma garrafa de cerveja á creada; e
eu dizia em voz baixa: 36 e 7 de cerveja 43!

Ainda podia pagar, mas agitava-me uma
voga inquietação. Não encarava precisamente o
futuro com essa serenidade de espirito do
homem que tem cem mil libras de rendi-
mento.

Corria devagar, devagar, muito devagar,



EVOHÉ

I

Accolta o bouquet de flores
Das minhas rimas singellas;
Embora não tenha odores,
Accolta o bouquet de flores.
Aos teus olhos tentadores
Ficam decerto mais bellas.
Accolta o bouquet de flores
Das minhas rimas singellas.

II

Quizera tecer-te um leito
Todo de folhas de rosas!
No boudoir do meu peito
Quizera tecer-te um leito.
Seria um ninho perfeito
Das coisas mais preciosas!
Quizera tecer-te um leito
Todo de folhas de rosas!

III

O corcel da Phantasia
Trota á luz dos arreboas!
Da escura noite faz dia
O corcel da Phantasia!
Vae hoje á luz que irradia
D'esses teus olhos — dois sóes!
O corcel da Phantasia
Trota á luz dos arreboas!

IV

Deixa-o, que vá pelo espaço
Convocando os velhos mythos.
Elle não sente cansaço:
Deixa-o, que vá pelo espaço!
Que na vertigem do passo
Calcule estrellas e infinitos!
Deixa-o, que vá pelo espaço
Convocando os velhos mythos.

V

A theogonia pagan
Que deixe os templos da Grecia...
Que venha, guapa e louçan,
A theogonia pagan!
Toque na fruta de Pan
O riso de uma facecia!
A theogonia pagan
Que deixe os templos da Grecia!

VI

Venham Baccho purpurino,
De verdes parras c'roado;
Traga um thyrsos de oiro fino!
Venham Baccho purpurino!
Para o banquete divino,
Para o banquete doirado,
Venham Baccho purpurino
De verdes parras c'roado!

VII

Venham Silenos bregeiros
Prostrar-se aqui aos teus pés!
Deixa vir os feiticórios...
Venham Silenos bregeiros!
Andaram mezes inteiros
A tasquinhar trioleiros...
Venham Silenos bregeiros
Prostrar-se aqui aos teus pés!

Apparece brevemente

JORNAL DA TARDE

AVISO
10
DIRECTOR

National
POLITICO,
NOTICIOSO
ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

Maxime Pina

VIII

Eia! Jupiter tonante!
Não faças metamorphoses.
Vibra um raio deslumbrante!
Eia! Jupiter tonante!
Meu velho patusco amante,
Solte as modernas nevroses!
Eia! Jupiter tonante...

IX

Lá vem a loira Amphitrite
Na concha do mar lónio!
A Musa fez-lhe um convite:
Lá vem a loira Amphitrite!
Neptuno tem appetite
Daquella carne, demonio!
Lá vem a loira Amphitrite
Na concha do mar lónio!

X

Ouvem-se harpejos e threnos
Dignota lyra distante...
Aoelham-se os Silenos,
Ouvem-se harpejos e threnos!...
Que deslumbramento! — é Venus,
A deusa mais fulgurante!
Ouvem-se harpejos e threnos
Dignota lyra distante.

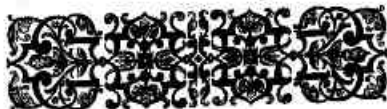
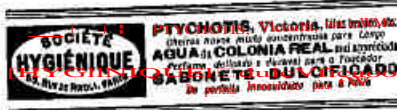
XI

Ao fulgar d'esta troca,
Catadupe esta Alegria!
O riso os tédios acossa,
Ao fulgar d'esta troca!
Mocidade! a vida é nossa!
Evohe! nova poesia!
Ao fulgar d'esta troca,
Catadupe esta Alegria!

XII

Este divino phalerno
Bebo nos teus annos, formosa!
Symbolisa o gôsp eterno,
Este divino phalerno.
Haja o'strapito moderno!
Viva o prazer côr de rosa!
Este divino phalerno
Bebo nos teus annos, formosa!...

FILIPPO DE ALMEIDA.



HISTÓRIA DO MEU TEMPO

RAIAS

Os francezes chamam a estes contratempos da vida *gafes*; nós, portuguezes, chamamos-lhes *raias*, e é assim que eu lhes chamarei *marei*.
Não ha ninguém no mundo que não tenha dado a sua *raia*, e embora toda a gente se ria d'ellas depois, no momento proprio deixam uma pessoa positivamente sem saber de que terra é...
Eu então tenho sido n'isso uma verdadeira desgraça.

Aqui ha muitos annos, era o Ernesto Desforges empresario da Rua dos Condes, fui uma noite a esse theatro, cuja companhia nunca tinha visto.

Quiz comprar um bilhete, mas o empresario não me deixou e levou-me para o camarote da empresa, onde estavam dois rapazes muito sympathicos, que eu não conhecia, e a quem o Desforges não me apresentou.

O espectáculo começou, o Desforges sahio do camarote e ficámos nós tres, eu e os taes dois rapazes, a vêr a peça.

A peça era uma semsaboria enorme, e o desempenho tudo o que se pôde imaginar de mais deploravel.

Havia sobretudo um actor comico que queria ter graça, mas que era tão insipido, tão desastrado, que fazia vontade da gente lhe bater.

Comecei a conversar com os meus companheiros de camarote e, naturalmente, como a a peça não prestava para nada, principiei a commentar sem cerimonia as tollices, os disparates que n'ella abundavam.

Os meus companheiros, que ao principio tinham estado a conversar e a rir muito jovialmente conmigo, começaram a estar serios, reservados, de poucas palavras, a responderem com risos amarellos ás observações que eu fazia.

No intervallo o Desforges apparece.

— Então que tal te pareceu a peça?

— Francamente pareceu-me...

O Desforges (atallando logo e apontando-me um dos meus companheiros) — O meu amigo o sr. F... o auctor da peça!

Embatucadissimo, apenito a mão que com uma cura muito compromettida me estende o apresentado.

— Não me parece mal, a peça não é má, emendei eu atarralhado, agora o desempenho é que a compromette: principalmente aquelle homem alto, o Xavier, é detestavel.

— O meu amigo o sr. F... irmão do actor Xavier! interrompe-me o Desforges apresentando-me o meu outro companheiro...

Na antiga redacção do *Diario da Manhã* houve também seus raios mais máis.

Uma foi de Urbano de Castro, e ainda hoje quando falamos n'isso rimos disparatadamente.

A redacção ia muito um militar velho, cego d'um olho, com quem nós faziamos muita cerimonia.

Por esse tempo appareceu em Lisboa a companhia de opereta franceza com a Preciosa e a Marie Becenis.

Logo nas primeiras noites, indo ao palco, encontramos lá, rodeado de coristas francezas, o nosso amigo militar.

No dia immediato falamos-lhe n'isso na redacção.

— Então o senhor anda mettido pelos bastidores com as francezas? disse-lhe eu.

— E' aproveitar ao principio, em quanto lá não apparecem os conquistadores. Por ora não vae lá ainda ninguém, estou só em campo e por isso...

— Sim, sim, e commentou m'um distribuidamente o Urbano de Castro, o senhor fia-se no proverbio — na terra dos cegos quem tem um olho é rei!

Uma *gaffe* ou *rain*, que eu achei deliciosa e que ia causando quasi uma apoplexia, ouvi eu n'uma livreria franceza que houve em tempo na rua do Thesouro Velho — a livreria de madame Lallemant.

Um rapaz elegante, de Porto, bom rapaz, muito engraçado, bom cavaquador, e muito lido na litteratura portugueza contemporanea, estava havia dias em Lisboa.

Esse rapaz tinha uma mania — a de conquistador.

Passava os dias á esquina da Havanêza á espera de conquistas, apanhava estafas momentaneas a seguir as senhoras que andavam sosinhas, e á noite comia todos os theatros a esphacelar corações com os seus olhares irresistiveis.

Apesar d'este feitiço de tólo, elle não o era; o amor era o seu defeito, coitado.

Uma noite, na Trindade, esteve todo o espectáculo a devorar com o binoculo uma senhora magra, loura, sympathica, que estava em um camarote.

A senhora dava-lhe sua attenção, mas á sahida meteu-se n'um trem com a familia que a acompanhava, e o rapaz perdeu a pista.

Andou ali tres ou quatro dias positivamente doído á procura da sua louca da Trindade, sem lhe ser dado encontral-a.

Finalmente, uma tarde, no Chiado, vê-a passar.

Pernas para que te quero: vê-a e seguiu-a foi obra de um momento.

Elle não ia sózinho, mas era quasi o mesmo; ia com uma pequena que tinha os seus nove ou dez annos.

O rapaz segue-a.

Elle desce o Chiado, elle desce também.

Volta á rua Nova do Carmo, elle volta.

Entra no Rocio, elle entra.

Toma para a rua do Ouro, elle toma.

Sobe ao Pote das Almas, elle sobe.

E assim volta ao Chiado, vira a rua do Thesouro Velho, e ali enfia pela livreria de madame Lallemant.

O rapaz entra também na livreria.

A senhora loura era conhecida da casa e fala com a caixa de um respeito de livros.

O rapaz pede livros e começa a querer entabular conversação.

A freguezia loura estava vendo umas edições de luxo, e elle para metter conversa pede também á caixa edições de luxo.

A caixa mostra-lhe. Ha um livro portuguez, de Sophia Abrantes, n'uma edição primorosa, ricamente encadernado.

A occasião era magantica para mostrar o seu espirito.

Conhecia muito as obras de Sophia Abrantes, eram detestaveis, e a tal litterata não passava de uma *bas bleu* insupportavel.

E a proposito do livro começou a apreciar a obra litteraria da tal Sophia Abrantes, a ridicularisal-a com muita graça, a *apepinar* a com muito espirito, riando muito, fazendo uma troça completa, em forma.

Com muito espirito a sua má lingua engraçadissima não conseguiu fazer rir a tal dama loura, e, antes pelo contrario, ella, que até alli lhe deitava seus olhares animadores, desde que elle começou a falar nunca mais para elle alhar.

E no meio do cavaço despede-se da caixa e vae-se embora.

O rapaz comprimenta-a muito amavelmente, com uma grande barretada.

Elle mal lhe abaixa a cabeça.

— Quem é esta senhora? pergunta o rapaz á caixa, apenas a dama loura sahio.

— E' a D. Sophia Abrantes!...

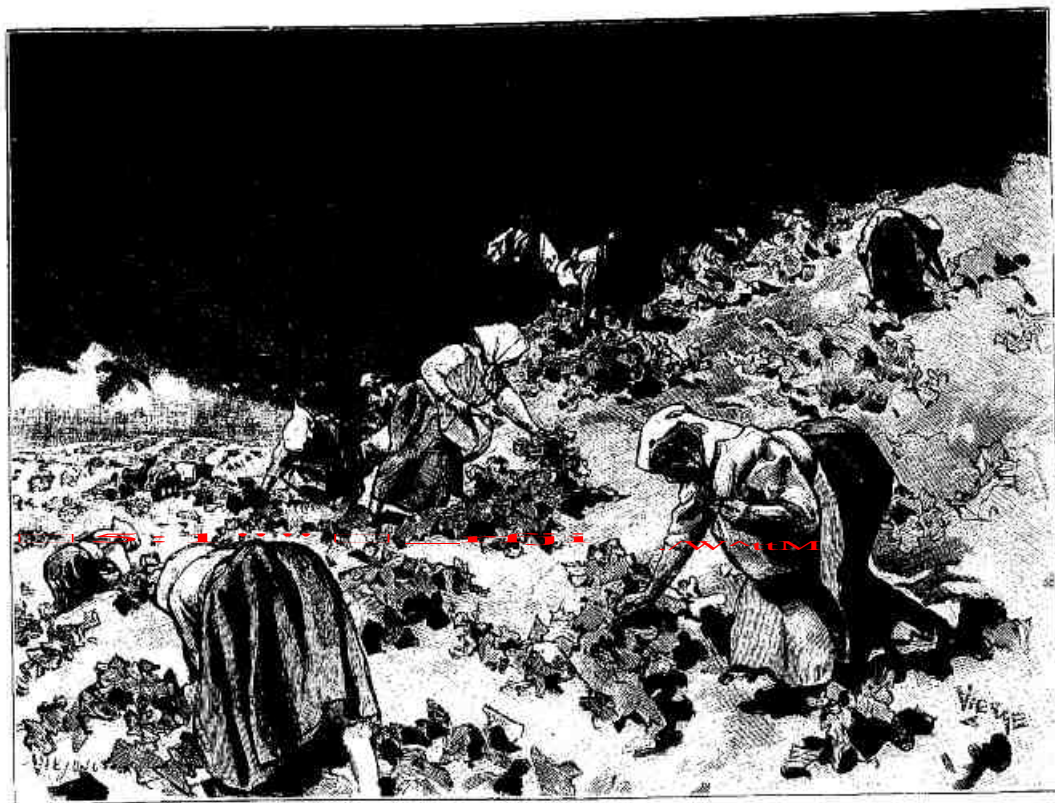
GERVASIO LOMTO.

A PASTA DENTIFRICA DE BOTOT

VENDE-SE EM TODAS AS PRIMEIRAS CASAS.
E NO DEPARTAMENTO GERAL DE DI

UNICA VERDADEIRA AGUA DE BOTOT

PARIS — 17, Rue de la Paix, 17 — PARIS



A APANHADA DA UVA.



VINDIMAS EN HESPAÑA. — Os CARRICADORES.



OS MEZES ILUSTRADOS. — NOVEMBRO.

O AMOR

Tenho frio e ardo em febre!
O amor me acalma e enloude! o amor me eleva e abate!
Quem ha que os laços, que me prendem, quebre?
Que singular, que desigual combate!

Não sei que herada frêcha
Mão certa e fallaz me cravou com tal geito,
Que, sem que eu sentisse, a estreita frêcha
Abriu, por onde o amor entrou meu peito.

O amor entrou tão cauto
O incauto coração, que eu nem cuidei que estava
Ao recebê-lo, recebendo o arauto
D'esta loucura desvairada e brava.

Entrou. E, apenas dentro,
Deu-me a calma do céu e a agitação do inferno...
E hoje... a! de mim, que dentro do meu mim concentro
Dores e gostos n'um lutar eterno!

O amor Senhora, vêde:
Prendeu-me. Em vão me extorço, e me debato, e grito;
Em vão me agito na apertada rede...
Mas me embaraço quanto mais me agito!

Falta-me o senso: A esmo,
Como um cego a tactear, busco nem sei que porto.
E ando tão diferente de mim mesmo,
Que nem sei se estou vivo ou se estou morto.

Sei que entre as nuvens paira
Minha fronte, e meus pés andam pisando a terra;
Sei que tudo me alegria e me desvaira,
E a paz desfructo, supportando a guerra.

E assim peno e assim vivo:
Que diverso querer! que diversa vontade!
Se estou livre, desejo estar captivo;
Se captivo, desejo a liberdade!

E, assim vivo, e assim peno;
Tenho a bôca a sorrir e os olhos cheios de agua!
E acho o nectar n'um caliz de veneno,
A chorar de prazer e a vir de magua.

Infinita magua! infinito
Prazer! pranto gostoso e sorrisos convulsos!
Ah! como deo assim viver, sentindo
Azas nos hombros e grilhões nos pulsos!

OLAVO BELAG.



ROMANTISMO

I

—Então, Rodolfo, decididamente não te queres casar com a viuva Santos?

—Nem com ella, nem com outra qualquer. E peço-lhe, meu pae, que não insista sobre esse ponto, para poupar-me o desgosto de contrariar o. O casamento assusta-me; é a destruição de todos os sonhos, o aniquilamento de todas as illusões. Deixei-me sonhar ainda. Tenho apenas vinte e cinco annos.

—Tu o que tens é uma carregação de romantismo e preguiça, que me aborrece devêras. O teu prazer, meu mariola, é andar envolvido em aventuras de novella, desencaminhando senhoras casadas, procurando amores mysteriosos e nocturnos, paixões de horas mortas, de chapéu desabado e capa. Olha que um dia vem a casa abaixo! Don Juan quando menos o pensava lá se foi para as profundas do inferno!

—Entretanto, observou Rodolfo a sorrir, Don Juan também usava capa, e dizem que quem tem capa sempre escapa.

—Ri-te! ri-te! um dia has de chorar!
E o Dr. Sepulveda poz-se a medir com largos passos nervosos o soalho do gabinete.

De repente estacou, sentou-se, e voltando-se para o filho:

—Que diabo! disse, a viuva Santos é uma das senhoras mais lindas que eu conheço! Não se diga que eu te estou mettendo á cara um calhamaço.

—Fosse a propria Venus!

—E' mais, muito mais, porque Venus não tinha duzentos contos de réis em predios e apolices!

—Ora! sou bastante rico e o senhor, meu pae, não sabe o que ha de fazer do dinheiro. A sua banca de advogado rende-lhe uma fortuna todos os annos, e eu tenho a satisfação de lhe lembrar que sou filho unico.

—A minha banca, maluco, ha muito tempo não rende o que rendia no tempo em que os cães andavam com linguicas no pescoço. O que te ficou por morte de tua mãe, e o que te posso dar, ou deixar, é pouco para a tua dispendiosa vida de rapaz romantico, anachronico e serodido.

—Tenho ainda meu padrinho, o general.

—Pois sim! Teu padrinho é muito bom, sim senhor, muita festa p'ra festa, meu afilhado p'ra cá, meu afilhado p'ra lá, mas olha que d'aquella matta não saes coelho.

—E' extraordinario o interesse que o senhor toma pela viuva Santos!

—Não é por ella, é por ti, pedaço d'asno! Vocês foram feitos um para o outro, acredita, e o que mais lhe agrada na tua pessoa é justamente esse feitiço que tens, de Antony de cdição barata.

—Ella nunca me viu.

—Nunca te viu, mas conhece-te. Pois se eu não lhe falo senão no meu Rodolfo! Levei-lhe a tua photographia, aquella maior... do Pacheco... aquella em que estás tão bonito, que até me pareces tua mãe!

—Que tolice! minha mãe com bigodes!

—Os bigodes não; mas os olhos, a bôca, o nariz, parecem tirados de uma cara e pregados na outra.

—Mas se o senhor lhe levou o meu retrato, por que não me trouxe o d'ella?

—D'isso me lembrei eu. Infelizmente ella nunca se photographou. Se eu lhe apanhasse o retrato, oh! oh! mostrava-t'o, e estou certo que não resistiria!...

—O senhor mette-me medo! Para evitar uma asneira da minha parte, hei de fugir da viuva Santos como o diabo da cruz!

—Disseste que eu me interessei por ella; e quando me interessasse? Não é filha de um bom camarada, o Telles que morou commigo quando eramos estudantes, e se formou em Olinda no mesmo dia em que eu?

—Não imaginas o prazer que tive quando recebi uma carta de Rosalina — ella chama-se Rosalina — dizendo-me: «Venha vêr-me; quero conhecer um dos melhores amigos de meu pobre pae».

—O pae é morto?

—Ha muitos annos. Morreu juiz municipal em Alagôas. Deixou a mulher e os filhos na mais completa pobreza, mas os rapazes arranjaram-se no commercio, e lá estão, em Pernambuco, em companhia da mãe. A Rosalina, essa, casou-se com um negociante d'aqui do Rio, o

Santos, que a viu por acaso uma vez em que teve de ir a Pernambuco tratar de negocios.

O Dr. Sepulveda aproximou a sua cadeira para mais perto da do filho, e continuou:

—Alguem disse que a viuva é como a casa que está para alugar: ha sempre lá dentro alguma coisa esquecida pelo antigo inquilino. Eu bem vejo, meu filho: o que te desgosta é esse Santos, esse marido, esse inquilino: pois não tens razão. O casamento de Rosalina foi obra dos irmãos — um casamento de conveniencia. A pobre rapariga sacrificou-se á felicidade dos seus. O coração entrou alli como Pilatos no Credo. Oito dias depois de casados, os noivos vieram para o Rio de Janeiro. Seis mezes depois, morreu o marido, mas antes d'isso teve a boa idéa de chamar um tabelião e fazer testamento em favor d'ella. Offereço-te um coração virgem, meu rapaz; aceita-o, e com isso darás muito prazer a teu pae, e ao general, teu padrinho, que consulte a esse respeito e é inteiramente da minha opinião.

Rodolfo ergueu-se, espreguiçou-se longamente, e disse, com os braços estendidos, e a bôca aberta n'um horroroso bocejo:

—Ora, meu pae, não falemos mais n'isso. E não falemos mais n'isso.

O dr. Sepulveda foi ter com o general, e contou-lhe a relutancia do afilhado.

—Mas hei de teimar, seu compadre, hei de teimar!

—Não teime. Você não arranja nada. Aquelle que ali está não se casa nem á mão de Deus Padre.

—E' o que havemos de vêr, seu compadre; é o que havemos de vêr!...

II

Dois dias depois, Rodolfo sentia-se abalado pela insistencia paterna, e estava quasi disposto a pedir ao Dr. Sepulveda que o apresentasse á viuva Santos, quando o correio urbano lhe trouxe uma carta concebida nos seguintes termos:

«Rodolfo — Se não é cobarde, esteja amanhã, quinta-feira, ás 8 horas da noite, no largo da Lapa, junto do chafariz. Ahi encontrará uma senhora edosa, vestida de preto e com o rosto coberto por um véo. Faça o que ella lhe indicar. Trata-se da sua felicidade.»

A carta, escripta com letra de mulher, em papel finissimo, não tinha assignatura, e exhalava um delicioso perfume aristocrata. R. d'Alfo leu a, releu a tres vezes, e guardou a cuidadosamente. Ocioso é dizer que a viuva Santos varreu se lhe inteiramente da imaginação, excitada agora pelo mysterioso da aventura que lhe propunham.

Foi ao largo da Lapa. Por que não havia de ir? Poderia reccar uma citada? Ora! no Rio de Janeiro não ha torres de Nesle nem Marguerite de Borgonha!

Já lá encontrou a velha, junto do chafariz. Ella foi ao encontro, cumprimentou-o, e, dirigindo-se para um coupé, rodou em direcção ao Passeio Publico.

—Aonde vamos? perguntou elle.

A velha disse-lhe por gestos que era muda, e abaixou os stores.

Rodolfo entrou na rua das Marrecas, e dobrou a dos Barbones; depois não pôde saber ao certo se tornou á rua dos Arcos ou á de Riachuelo. As rodas moviam-se vertiginosamente. De vez em quando dobravam uma esquina. Dez minutos depois, o moço ignorava completamente se se achava em caminho de Botafogo ou de Villa Isabel, da Tijuca ou do Sacco do Alferes. Quiz levantar um store. A velha oppoz-se com um gesto precipitado e energico. Elle cahiu resignadamente no fundo do carro, e deixou-se levar. Ora adeus!

A viagem durou seguramente uma hora. Quando o coupé estacou, a velha ergueu-se, ti-

rou um lenço da algebeira, e tapou os olhos do moço, que se deixou vender humildemente, sem proferir uma palavra.

Ella ajudou-o a descer, e levou-o pela mão, sempre de olhos vendados, como Raul de Nangis nos *Huguenotes*.

Pelo cascalho que pisava e pelo aroma das flores que sentia, Rodolfo percebeu que estava n'um jardim, caminhando n'uma deliciosa alameda!

Depois de andar cinco minutos, guiado sempre pela mão encarquilhada da velha, esta murmurou baixinho: — Adeus, seja feliz! e afastou-se. Ao mesmo tempo uma voz argentina, uma voz de mulher, que parecia vir do alto e soou musicalmente aos seus ouvidos, disse-lhe:

— Desvende-se, Rodolfo.

Elle arrancou o lenço dos olhos. Estava, effectivamente, n'um jardim, defronte de uma das partes lateraes de um bello predio moderno. A luz, illuminando suavemente aquelle magnifico scenario, batia de chofre na sacada em que se achava uma mulher vestida de branco e com os cabellos soltos.

— Onde estou eu? perguntou elle, e olhou para o horizonte, a ver se algum morto conhecido o orientava. Nada! — nos fundos da casa erguia-se, é verdade, um morro, mas tão alto, que, do logar em que se achava, o moço não lhe podia notar a configuração.

— Onde estou eu? repetiu.

Por unica resposta a mulher de cabellos soltos deixou cabir uma escada de seda, cuja extremidade ficou presa á sacada; e Rodolfo subiu por ella com mais presteza do que o faria o proprio Romeu.

Ao entrar na alcova, fracamente illuminada pela meia luz de um bico de gaz, ficou deslumbradissimo. Listava deante de um prodigio de formosura! O pasmo embargou-lhe a voz; quiz soluçar um madrigal, e não teve uma palavra, uma syllaba, um som inarticulado!

— Amo-te, disse ella com uma voz que mais parecia um ciclar de briza: amo-te muito, Rodolfo, e quero que também me ames.

— Oh! sim, sim... quem quer que sejas... eu amo-te, e...

Uma gargalhada interrompeu-o. Era o Dr. Sepulveda que entrava na alcova e dava mais luz ao bico de gaz.

— Meu pae!

— Ten pae, sim, meu romantico. Eas este o unico modo de te fazer cá vir. Cae aqui tons a viuva Santos. Agora recua, se és homem!

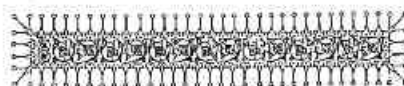
O casamento ficou definitivamente tratado n'aquella mesma noite.

No dia seguinte o Dr. Sepulveda, nadando em jubilo, foi ter com o general e contou-lhe tudo.

— Então? não lhe dizia, seu compadre?

— Ora muito obrigado! respondeu o outro com a sua rude franqueza de velho guerreiro; por esse processo você era capaz de casar o com a fúria!...

ARTHUR D'AZEVEDO.



OS MUNDOS QUE FALAM

— 1863 —

Paris, 16 de novembro de 1890.

H A poucos dias, os jornaes de Lisboa inseriam o annuncio de um professor estrangeiro que se encanegara de ensinar a fallar os surdos-mudos. Julgo que este cavalheiro é francez ou couso parecido. Os Portuguezes ainda não se esqueceram de que a Fran-

ça deve a um nosso compatriota o ensino vo- em Ghanabury e em Paris custão, — segundo cal dos mudos ou a *deurtilização*. O orçamento de 1891, — 71.000 francos (réis

Em 1749, Jacob Rodrigues Pereira appre- 12.900.000) e 240.300 francos (43.754.000 sentou a Academia das Sciencias de Paris um réis). O Instituto Nacional de surdos-mudos menino surdo-mudo a quem tinha ensinado em Bordeaux dirigido por freiras custa 100.000

palavra fallada. — e falleceu. Os alumnos apprendem a ler, escrever, contar, fallar vocalmente e trabalhar manual- francos (18.700.000 réis). A caridade parti-

Pereira nasceu em 1715, na villa de Ber- cular da cada anno uns 50.000 francos (réis 374.000.000) em dinheiro. Os alumnos apprendem a ler, escrever, em Paris (1780); era filho de christãos-novos; contar, fallar vocalmente e trabalhar manual- de Chacim (Fraz-de-Montes); foi pensionista mente (sapataria, alfaiate, carpintaria, costu- e interprete do rei Louis XIV, syndico da cera, horticultura, agricultura, e, ha poucos an-

Nação Portuguesa em Paris e membro da mos, typographia). Os alumnos mais intelligentes recebem a Sociedade Real de Londres, a pedido dos seus. Os alumnos mais intelligentes recebem a amigos o mathematico Mairan e o celeberrimo instrução primaria até obtenção do diploma escritor Buffon que o cita com elogio na sua de instituidor: mais de 100 professores sur- *Histoire Naturelle*. — Os descendentes de Ja- dos mudos ensinam ou são empregados nos

cob Pereira, — que ainda tem parentes no institutos especiaes, e 10 ou 12 freiras surdas- Porto, Bragança e Lisboa, — são os defuntos mudas são também mestras dos ditos estabe- financeiros e economistas Emile e Isaac Pe- lecimentos.

reire, os Ex.^{mos} Ses. Gustave, Henry, Emile e o conde Eugene Pereire. — Hei de publicar algum dia a historia d'esta illustre familia. Conheci particularmente, em Nion, um jo- ven bibliothecario surdo-mudo e... bacharel em lettras, — o fallecido Gustave Tardy.

Em 1751, Jacob Rodrigues formou também

um discipulo muito conhecido pelos seus es- tudo científico, o celebre Sabouraux de Fontunay, amigo de d'Alembert, que apre- sentou a Academia das Sciencias varias me- morias d'este surdo-mudo.

Actualmente ha surdos-mudos jornalistas e directores de revistas como o periodico *Libre de l'Alpe*, publicado mensalmente em Bour- ges. — Na Inglaterra existem tambem revistas para surdos-mudos; e devo assignar que a primeira escola para estes desgraçados foi creada em Londres em 1792, uns poucos

anos antes que fossem estabelecidos o Instituto Real de Lisboa, e o *Colegio Nacional de surdo-mudos* y de cegos, inaugurado em Madrid em 1805. Aproveito a occasião para mencio- nar um facto curioso no que diz respeito á união da mesma escola dos cegos e dos mu- dos, — systema rarissimo em França: — os

surdos-mudos mostram-se muito bondosos para com os cegos que não querem conside- rarlos como homens, mas sim como animaes. Os cursos duram de seis a oito annos nas escolas francezas de surdos-mudos. A sahida d'estes estabelecimentos os alumnos podem entrar n'uma das muitas sociedades de soc- cossos mutuos organisadas para elles, socie- dades que merecem um estudo particular.

L. CADEZO DE BETHENCOURT.

SUSPENSORIOS MILLERET, elasticos e sem passadeiras. *Le Gantier*, 13, r. Etienne-Marcel, Paris.

PILULAS DE PEPSE DE HOGG são cem vezes mais efficazes do que as Pepsinas ordinarias; app. infalliveis nas gastrites, doencas de estomago, e juntas com o ferro e com ioduro de ferro realizam curas inesperadas nos casos de escrofulas, magreza das creanças, pobreza de sangue. (Ver nos annuncios.)

Companhia Nacional Editora

50, Largo do Conde Barão, Lisboa

Typographia, Rua Nova, 300, Lisboa

APPARECE BREVEMENTE:

O NACIONAL

JORNAL DA TARDE, POLITICO, NOTICIOSO, ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

DIRECTOR: MARIANO PINA

Lisboa — Mez, 300 réis. — Trimestre, 900 réis. — Semestre, 1.800 réis.

Provincias — Mez, 400 réis. — Trimestre, 1.200 réis. — Semestre, 2.400 réis.

Numero avulso — 10 réis

Escreptorios de O NACIONAL: — Rua Ivens, 20, Lisboa. Toda-e qualquer correspondencia, deve ser dirigida ao seu Director.

